

RUA JULIO FRANK DE ARRUDA

Ato nº 25 de 29-06-1931

Lei nº 3959 de 08-03-1971 (Alterando o nome de Julio Frank para Rua Julio Frank de Arruda)

Formada pela rua 2 do Bairro do Botafogo

Início na rua José Paulino

Termo na rua Dr. Antonio A. Lobo

Centro - Mercado

Obs.: O Ato nº 25 de 1931 é do Prefeito Orosimbo Maia. A lei é do Prefeito Dr. Crestes Quercia.



Julio Frank de Arruda nasceu em Campinas, filho de Bernardino José de Arruda e de d. Maria Luzia Soares, faleceu nesta cidade em 21-05-1915.

Foi o prototipo da austeridade, caráter puro, homem severo em princípio de moral, afável no trato e exemplar chefe de numerosa prole.

Foi vereador, Juiz de Paz e membro da Mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, além de Irmão do Santíssimo Sacramento.

Em primeiras nupcias foi casado com Maria Felicissima Soares, deixando os seguintes filhos:

Narcisa Arruda de Souza Aranha, dr. Julio de Arruda, Joaquim Antonio de Arruda e Maria Felicissima de Arruda Pinto esposa de Mario Pinto.

Em segundas nupcias casou-se com Maria Perpetua Duarte Arruda, com quem teve os seguintes filhos:

Wilfrido Duarte Arruda, Alcina Arruda Pinto, esposa de Sylvio Alves Pinto, Cinira de Arruda Valente, esposa de Antonio de Oliveira Valente, dr. Hugo de Arruda, Maria Perpetua Arruda, Annice, Hilda, Romilio e Hélio.

Julio Frank de Arruda tinha 72 anos de idade ao falecer, prestou valiosos serviços à cidade de Campinas e seu féretro saiu da rua Barreto Leme nº 30 para o Cemitério do Santíssimo Sacramento.

(Elementos extraídos da notícia do Falecimento inserida no "Diário do Povo" de 22-maio-1915)

RUA JULIO FRANK



Professor, nascido em Gota (Alemanha) em 1809 e falecido em São Paulo, em 19-junho-1841. Veio para o Brasil de maneira misteriosa, fugindo da condenação à morte por motivos políticos. No Rio de Janeiro, onde desembarcou, esteve preso na Fortaleza da Laje, por ter viajado clandestinamente. Posto em liberdade, rumou para Sorocaba, onde se empregou como caixeiro na casa de comércio do ituano Kiehl. Homem culto, certa vez ensinou a lição de latim a um menino que se encontrava em baração com ela e o fez com tanta habilidade, que notaram tratar-se de pessoa instruída. De fato, Júlio Frank, conhecia todas as línguas vivas da Europa, e, ainda, perfeitamente, o latim e o grego, sabia História e tinha boas noções de Direito Romano e Direito Público. De Sorocaba foi para São Paulo, com recomendação ao Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que o contratou para professor do Curso anexo. Muito bondoso e cheio de idealismo, conquistou logo a simpatia dos estudantes, que viam nele não apenas um professor culto, mas um desses personagens saídos das páginas românticas da Alemanha. Escreveu um "Resumo de Historia Universal", para uso dos seus alunos. É considerado o fundador da sociedade de caráter maçônico, denominada "Bucha", nome simplificado e abasileirado de uma organização de estudantes alemães. Quando morreu, por ser protestante, não lhe foi dado túmulo em recinto católico; por esta razão foi enterado num pátio interno da Faculdade do Largo São Francisco, onde estudantes ergueram a suas expensas, um túmulo que ainda existe. Júlio Frank pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

(Extraído das páginas 249 e 250, do "Dicionário de História do Brasil", da 4a. edição, 1976, Edições Melhoramentos).

RUA JULIO FRANK

Ato nº 25 de 29-junho-1931



FRANK, JÚLIO

□ Nasceu em 1809, na Saxônia, Alemanha, e morreu em 1841, em São Paulo.

Professor e escritor alemão a quem se atribui a criação da Sociedade Secreta Maçônica da Faculdade de Direito de São Paulo.

Sua infância e adolescência estão envoltas em mistérios, chegando a ser romanceadas por A. Schmidt no livro *A Sombra de Júlio Frank*. Quando chegou ao Brasil foi preso por queixa do comandante do navio em que viajara. Seus conhecimentos abrangiam as línguas vivas da Europa, História antiga e moderna, Geografia, Metafísica, Direito Público e Privado, latim e grego. Foi o fundador, em Sorocaba, de uma escola de línguas que alcançou grande fama, sendo convidado para lecionar na Faculdade de Direito de São Paulo, por um período de 10 anos por ser estrangeiro. Aqui escreveu *Resumo da História Universal*, 1939, obra organizada segundo um compêndio alemão, sendo adotada oficialmente pela Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo. Sobre a criação da Sociedade Secreta Maçônica tem-se que Júlio Frank foi seu criador, mas pouco se sabe além disso. Morreu em 1841, deixando seu contrato de trabalho com a Faculdade de Direito incompleto.

anpv/08/83

(Extraído das páginas 198/199 do fascículo nº 21, do "Dicionário Biográfico Universal Três", 2º volume, da Três Livros e Fascículos Ltda., São Paulo, Brasil, 1ª edição, agosto de 1983)

RUA JULIO FRANK DE ARRUDA

(Ato nº 25 de 29-06-1931)

(Nome alterado de Julio Frank para o
atual pela Lei nº 3959 de 08-03-1971)



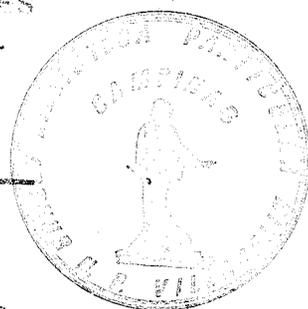
Julio Frank de Arruda nasceu em Campinas, filho de Bernardino José de Arruda e de d. Maria Luzia Soares, esta irmã do Barão de Paranapanema, aquele irmão do Barão de Atibaia (Silva Leme IV-149 e IX-137).

Julio Frank de Arruda foi casado com sua prima-irmã (que foi sua primeira mulher) d. Maria Felicíssima de Oliveira Soares, filha do Capitão Joaquim Celestino de Abreu Soares e de d. Joaquina Angélica de Oliveira, Barões de Paranapanema. D. Maria Felicíssima, nasceu em Campinas a 20-março-1846, foi batizada a 31-maio-1846 e faleceu em Campinas a 10-novembro-1873. Julio Frank de Arruda, casou-se com d. Maria Felicíssima a 26-outubro-1865, em Campinas.

(Elementos extraídos da página 224 do
"Anuário Genealógico Brasileiro" na par-
te referente à descendência do Barão de
Paranapanema)

SEGREDOS E REVELAÇÕES
DA HISTÓRIA DO BRASIL

PEDRO CALMON



O ENIGMA DE JÚLIO FRANCK

É UM mistério romântico o túmulo de Júlio Franck, religiosamente conservado no pátio interno da Faculdade de Direito de São Paulo.

Singelo monumento com o seu dístico latino e um velho gradil de protecção, comemora há cento e vinte anos — sem que as gerações na sua versatilidade juvenil jamais se lembrassem de perturbar-lhe a infinita tranquillidade — o idealista germânico que foi guia, confidente e professor. Constitui com isto, um dos raros exemplos de fidelidade intelectual — de discípulos intermináveis em honra do mestre penumbroso.

Bastaria essa glória, que não tiveram outros mestres explosivos, a glória impar de um sepulcro na intimidade de uma escola, para considerarmos inicialmente o caso de Júlio Franck sem comparação com outras influências, outros prestígios, outras saudades. Apóstolo singular, criou a mística; jaz enigmáticamente no interior da sua Academia, como um daqueles remotos abades cuja pedra tumbar ficou no limiar do seu mosteiro, indicando a antiguidade venerável da Ordem. Hoje não é mais uma interrogação filosófica, posta em jazigo com solene epitáfio na sombra macia de um pátio, onde chilreiam aves e riem estudantes: é uma página da história paulista arquivada emocionadamente nos segredos poéticos das "arcadas".

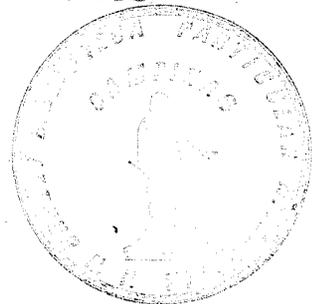
Na realidade Júlio Franck não foi bem um personagem. Foi rigorosamente, num alemão fartamente culto, dois homens distintos, o histórico, de quem pouco se sabe, o simbólico, de quem ainda se contam lendas adoráveis. Na mesma sepultura repousam essas duas individualidades associadas pela crença fervorosa dos rapazes, através de 120 anos de respeitosa adesão àquela idéa — à idéa de um sábio humanista que das universidades alemãs lhes trouxera um dia a lógica de Kant e a palavra liberal.

Para nós, biógrafos eventuais, o fabuloso pertence à fantasia — e escapa à pesquisa documental. É matéria eletiva. O que existe (e porque existiu, morreu) é o sujeito verídico, cheio de importância no processo de germanização literária e política da Academia de São Paulo, quando esta começou a formar os bacharéis do Império.

Natural da Saxônia, aos vinte anos, em 1829, chegou ao Rio de Janeiro como um imigrante desvalido — sem eira nem beira — "Julius Franck". Chama-lhe Passos Ourique, na nênia que lhe dedicou em 1841, João Luís de Godofredo Júlio Franck. A ser certo este imenso nome, proviria de nobre gente saxônica ("natus Gothae", reza a inscrição funerária). Quem fôsse ela, porque se expatriou, em que condições fez a viagem, e a razão de ter preferido Brasil a qualquer outro país onde pudesse aplicar com proveito os robustos talentos, ignoram quantos lhe investigaram a vida, que se resume em ligeiros traços. Na corte — muito contrária então a estrangeiros, desde que uma rebelião de mercenários a pusera em perigo — amargou Franck alguns meses de prisão nos cárceres do Forte da Laje; e mal o soltaram, tomou o caminho de São Paulo, indo parar em Sorocaba — com o seu officio de ensinar crianças. GANHOU os primeiros salários com as suas aulas de francês, inglês, italiano e latim; e tanta simpatia espalhou, que o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar o recomendou ao diretor interino da Faculdade de Direito, Carlos Carneiro de Campos, para reger no Curso Anexo, as cadeiras de Inglês, História e Geografia. Em 15 de fevereiro de 1834 há uma referência inicial a Júlio Franck no officio em que Carneiro de Campos dava conta ao ministro do Império dos candidatos ao professorado. Para substituto de Filosofia apparecera um opositor; e "um moço natural da Saxônia que tem estado a ensinar as primeiras letras em uma das vilas desta Província e se propõe a concorrer para a de História e Geografia, oferecendo-se a ensinar conjuntamente na de inglês, enquanto se achar vaga". Não podendo ser nomeado, pois não era brasileiro, o jeito foi contratá-lo o diretor da Academia, mas em termos de quase vitaliciedade, pois estipulava o prazo de dez anos com o ordenado corrente de seiscentos mil-réis anuais.

Graças a esse acôrdo de 1835, incluiu-se Franck — para nunca mais sair — no quadro docente e no espirito da Faculdade do Largo de São Francisco. Tornou-se sem demora o lente mais popular do curso propedêutico; e armado de seus amplos conhecimentos de toda doutrina, se constituiu — fascinando fúricas e calouros (como em Coimbra se apelidavam vestibulandos e primeiranistas) a ponte

continua na página 56

SEGREDO E REVELAÇÕES
DA HISTÓRIA DO BRASIL

continuação da página 51

luminosa que ligava a "garça" de Piratininga à rebelião prussiana. Ou para repetir a frase de Castro Alves — naquele São Paulo vulcânico "que casa Heidelberg com a Andalusia". O que explicou, vaticinou e dogmatizou o forasteiro — envolto sugestivamente nas névoas da sua incógnita e da sua dialética — diz levemente o panegirista Passos Quirique, citando de enfiada os autores que lhe eram preditos.

Como isto vem em verso soluçante, a sucessão arbitrária de nomes desfigura a categoria didática desse saber extenso e radioso:

Ó! La Caille, La Borda, Wahl, D'Alville,
Las Casas, Kant, Schiller e Buffon, Heródoto, De Lill;
Tu também Fénelon,
Segunda vez ao túmulo baixastes;
Morreu aquêle a quem saber legastes!

Aludia à Geografia, às Ciências Naturais, à História, à contro-
vêrsia filosófica, à poesia, ao helenismo (Heródoto), à intuição da
nova sociedade equânime e purificada (o Telêmaco, de Fénelon),
à crítica da razão (Kant), ao estado de felicidade dos índios, ao
teatro libertador (Schiller), que tudo isto versava "o sábio Júlio,
o Júlio sem igual". Insiste o desolado menestrel no segredo de sua
origem: "morreu desconhecido". Não fala no compêndio de histó-
ria universal, única obra deixada por Júlio Franck, e que é de 1841
(aliás superficial e cautelosa, sem os condimentos ideológicos que
lhe atribuíram à pregação) — e esclarece que o monumento fúne-
bre resultou de se lhe negar, porque era protestante, "asilado
ao ataúde". Faleceu Júlio Franck, aos 32 anos de idade (é o que
reza o epitáfio), em 19 de junho de 1841. Não podendo ser se-
pultado em igreja, os estudantes, com o jovem Fimmenta Bueno à
frente, levaram-lhe os despojos para a Academia.

Mas que sepulcro existe mais ditoso
Que nossos corações?

Lá erigiram o catafalco, em cantaria sóbria, pequeno obelisco
de granito — vagamente egípcio — defendido pelas grades em
cujos ângulos os mochos fúnebres completam a ornamentação hu-
milde.

Ali plantaram a memória do semeador de princípios, e simul-
taneamente o seu compromisso de lembrá-lo.

Porque além de sua ciência — amavelmente literária — o ne-
buloso Franck lhes confidenciara as artes da Burchenschaft (em
vernáculo, Sociedade de Moços) na elaboração dramática do na-
cionalismo alemão. Contra a tirania, organizada a resistência;
extremara em 1819 a sua ação patriótica, eliminando o odioso
Kotzebue. O herói foi então Carlos Sand. Fêz-se o mártir do mo-
vimento germanista, o intérprete da sua associação universitária
— e daquele civismo tempestuoso. Nas "arcadas" o difícil vocábulo
simplificou-se, sem perder o sortilégio ou a magia. Abreviou-se em
Bueha. Bueheiros chamaram-se no linguajar doméstico os con-
sócios da triplice classe de apóstolos, crentes e catecúmenos. Aí de-
senganadamente a instituição se abramileirava, pois catecúmenos
e apóstolos eram legítimas e velhas designações paulistas, dos
missionários que tinham varado aquêles ermos e dos caboclos al-
deitados em torno de sua lição. "Bueheiro" insigne, Castro Alves
a eles se referiu exatamente com este apelido.

Grandes Homens! Apóstolos heróicos!...
Eles diziam, mais do que os estóicos:
Dor — tu és um prazer!

São estrofes escritas em São Paulo, em 1868.

De Júlio Franck havia retrato a óleo na galeria da Faculdade.
Spencer Vampré o reproduz no seu livro de Memórias Para a His-
tória do estabelecimento. Vendo-o uma vez, descrevemos: "das
pontas de um alto colarinho a 1830 emergia uma cara sanguínea
de bávaro a que o olhar azulado e frio emprestava uma energia
metálica". Parecia um antigo capitão das cavalarias de Blucher,
envergando a correta casaca de mestre-escola.

A tela desapareceu, numa hora má da vida da Academia.

Continuou, murmurada, deformada, inquestionável, a surda
contenda da história — que é céptica — e da tradição — que é
fértil.

Quem foi realmente esse irmão hipotético de Carlos Sand que
trouxe para as "arcadas" de São Paulo o recado metafísico das
universidades alemãs — quando o Brasil experimentava as suas
fórmulas de liberdade?

Ninguém é capaz de responder à pergunta.

Tudo se reduz ao silêncio de um túmulo, engastado como uma
jóia no anel rico das "arcadas" paulistas.

ACTO N. 23

(Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve:

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'o-re-avante, assim denominadas:

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, peito do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª parallela á Rua Dr. Ezillo Ribas, no Cambuhy, vulgarmente chamada rua Eça Esperança; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua parallela á rua Paula Bueno, no alto do Taquaral; — “Rua Barão de Pirapitinguy”, a rua que fica parallela á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª parallela á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibiúnga”, a rua 8 da Villa Industrial, parallela á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaio”, a rua hoje denominada Travesa Sampaio, na Villa Póvoa (Cambuhy) parallela á Bairro Leme; — “Rua Americo Brasileiro”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Cintra”, a rua que fica entre José Paulino e Hercules Florence; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Hercules Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. D. Libanio vai á Itapura — 1.ª parallela á rua do Sacramento; — “Rua Dioguinho”, á rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuhy; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª parallela á Baroneza Geraldo de Rezende — da rua Carolina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª parallela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Lina”, a 3.ª parallela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua parallela á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Salustiano Pontezado, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Villa Lense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Bela

Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuva”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulio Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que sãe da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — “Rua Dr. Melcher”, a rua Travessa da Buarque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Cuodés Barreto”, a travessa que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leme”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Belim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua parallela á Fumilense e Buarque de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocinio”, a rua marginal á Fumilense, no Guanabara, parallela á Col. Moraes; — “Rua D. Anna Euphrosina”, a rua 1.ª parallela á I. de Mergo, no Guanabara, entre Buarque de Macedo e Fumilense; — “Rua Dr. Buarque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Raphael Sampaio; — “Rua Mac-Hardy”, a rua n.º 2 do arruamento Piccolito; — “Rua Elias de Souza”, a rua parallela á Salles Oliveira, no começo do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Picudo”, a rua situada entre a Avenida de Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima transversal; — “Travessa Maria Monteiro”, a travessa parallela á rua Americo Brasileiro.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

© Secretario,

Amilcar Alves.

